

# **Artigos Multitemáticos**

## Uma arreligião chamada Anticristianismo An arreligion called Anti-Christianity

JAIR DE ALMEIDA JUNIOR<sup>1</sup>

**Resumo:** O cristianismo, especialmente o catolicismo, tem recebido forte oposição em solo europeu, que labuta por seu desaparecimento. No ambiente francês, Michel Onfray se levanta como grande expoente do movimento, sistematizando verdadeira doutrina, uma ateologia. Sua filosofia apaixonada e sua militância assume contornos de devoção, dando ao movimento silhueta de uma religião humana, pois Deus não existe e a fé é uma ilusão. Segundo o anticristianismo, a real felicidade está na busca do prazer, o que pressupõe a erradicação de toda instituição impositora de regras comportamentais, especialmente a religião. O anticristianismo de Onfray liga-se ao Iluminismo e ao niilismo, mas vai além, uma espécie de positivismo hedonista.

**Palavras-Chaves:** Anticristianismo; militância; secularismo; Onfray; Iluminismo.

**Abstract:** Christianity, especially Catholicism, has received strong opposition on European soil, struggling for its disappearance. In the French environment, Michel Onfray rises as a great exponent of the movement, systematizing a true secular doctrine, an atheology. His passionate philosophy and militancy take on the shape of devotion, giving the movement the silhouette of a human religion, since God does not exist and faith is an illusion. According to anti-Christianity, real happiness lies in the pursuit of pleasure, which presupposes the eradication of any institution that imposes behavioral rules, especially religion. Onfray's anti-Christianity is linked to Enlightenment and nihilism, but goes further, it is a kind of hedonistic positivism.

**Keywords:** Anti-Christianity; militancy; secularism; Onfray; Enlightenment.

---

<sup>1</sup> Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição.

## Introdução

Vivemos uma época de grandes transformações no mundo. O avanço da ciência tem trazido muitos questionamentos quanto aos conceitos e visões tradicionais da vida, consequentemente, pressionando por mudanças comportamentais. Na filosofia, de forma contundente a partir do Iluminismo, busca-se uma emancipação do ser humano de todas as suas amarras, especialmente manifestadas no Estado e na Igreja. Nosso objetivo é examinar brevemente a reação contrária ao cristianismo, mormente contra a Igreja Católica, no ambiente europeu francês, que por meio da sistematização de uma ateologia propõe a erradicação de toda religião. Para tanto, tomaremos por base a obra *Tratado de ateologia*, de Michel Onfray, e as opiniões de René Rémond em *Le nouvel anti-Christianisme*.

### 1. O que é antiristianismo

«Anticristianismo» pareceria ligar-se ao termo «anticristo», originado nas páginas bíblicas. Na Teologia, o termo anticristianismo certamente se aplicaria também a todo movimento intramuros que questionasse o entendimento oficial da Igreja. No entanto, não é nesse sentido que o termo deve ser abordado. Tal seria uma anti-ortodoxia. Especificamos como anticristianismo não o que poderia ser categorizado por alguém como falso cristianismo à luz da ortodoxia, mas um movimento coordenado e articulado contra o cristianismo. Mesmo aquilo que é entendido como heresia, ainda que

paradoxalmente, afirma o cristianismo. Nesse sentido estrito, não existiria a possibilidade de um anticristianismo cristão. No entanto, ainda que no caráter de heresia, o pelagianismo enfrentado por Agostinho já contém os germes de um autêntico anticristianismo. Ao afirmar certa bondade inata ao homem, contrariando o dogma do pecado original, Pelágio lançava os alicerces para uma visão positiva do homem, como aquela que é defendida pelo ateísmo anticristão em nossa época (Almeida Jr., 2015: 25). Com o passar do tempo, o cristianismo enfrentaria seus maiores embates epistemológicos especialmente com o Iluminismo, no século XVIII. O cristianismo é exclusivista, postando-se como único portador da verdade absoluta quanto a Deus, a moralidade e a existência, bem como em ser a única via de acesso a Deus e à salvação. Certamente tal suposição não ficaria sem adversários. A edificação do cristianismo gerou como contrapartida o anticristianismo.

Possivelmente, o ancestral mais próximo do anticristianismo de nossos dias seja Léger-Marie Deschamps, monge beneditino da segunda metade do século XVIII. Sua contribuição ao ateísmo foi a concepção de uma metafísica praticamente ateia, claramente perceptível em seu manuscrito *Le vrai système*. Antevê a necessária destruição da religião, quando a Teologia se transformará em metafísica. O conceito de Deus também se diluirá em um simples «tudo». Sua visão era tão radical que foi desprezado até pelos filósofos iluministas por sua

audácia. Voltaire caçoa de sua metafísica, enquanto Diderot pede a censura de seu opúsculo *Lettres sur l'esprit du siècle*, publicado em 1769. Por isso, Deschamps não aceitava a cultura iluminista, achando-a «semi-iluminada», algo que o aproxima também de Onfray e do anticristianismo atual. Ao «ateísmo ignorante», ao «ateísmo absurdo», ao «ateísmo dos filósofos», ao «ateísmo dos semi-iluminados», Onfray contrapõe o «ateísmo esclarecido». Com ele, rechaça simultaneamente as religiões e o materialismo, a fim de alcançar a revelação do «nada» perante o ser, a existência, da qual todos fazem parte. apresenta, assim, sua obra como um «compêndio de ateísmo» (Minois, 2014: 374-375).

## 2. Militância e agressividade

O Anticristianismo que tem se desenvolvido na Europa é de matriz intensamente radical e militante. Um dos seus maiores expoentes atuais é Michel Onfray, filósofo que se propõe desenvolver uma espécie de teologia às avessas, essencialmente, um positivista hedonista. Para René Rémond, é possível explicar o fim da convivência respeitosa entre cristãos e anticristãos com a busca da transformação social, isto é, a busca de um mundo anticristão. Para este autor, a causa maior dos ataques está na postura da Igreja, especialmente a Católica, ao se apresentar como detentora da autoridade para indicar ao homem o bem-viver. Lembrando as palavras do Papa Paulo VI, o qual afirmava que a Igreja Católica é «espe-

cialista em humanidade», Rémond argumenta que o catolicismo assume o papel de guardião da sociedade, pretendendo o bem social do homem, para tanto, regrando a vida. Dessa forma, anexando à Teologia a Antropologia, assume-se como autoridade máxima também em matéria de costumes (cf. Rémond, 2005: 28-29). Isso, todos os que têm pressupostos semelhantes aos de Onfray, jamais tolerarão calados. Na verdade, reclama-se também da aura negativa que é historicamente imposta sobre os que não concordam com a existência e a pregação da Igreja. Para Onfray, tal já é visível na própria designação ateu. Segundo ele, é termo pejorativo, criado por deícolas, que traz em seu bojo a ideia de negação, privação e condenação. Não há termo que possa qualificar um ateu positivamente. Todas as palavras a ele atribuídas têm a imposição negativa de condenação, erro e privação: a-gnóstico, in-crú, ir-religioso, in-crédulo, a-religioso, ím-pio; bem como as palavras que se derivam, como irreligião, descrença, impiedade, etc. Para o referido autor, falta uma designação que coloque em relevo o sentido solar, clarificador, afirmativo, poderoso e livre daquele que prefere estar radicado fora das fábulas e da magia (cf. Onfray, 2007: 7).

Rémond reconhece que, aparentemente, o contexto é favorável para a ativação das memórias do tempo quando a Igreja ditava e impunha os costumes cristalizando-se na consciência coletiva europeia como uma espécie de ícone da oposição às liberdades. Por causa

disso, alguns olham com desconfiança para a atual aparência adormecida da Igreja, comparada à sua incidência passada, como se pudesse entrar em erupção a qualquer momento e reassumir o controle sobre a sociedade. Todavia, argumenta o autor, tal temor é completamente injustificado. Além disso, percebe algo contraditório em relação à virulência dos ataques, até anacrônico, por surgir em época quando o cristianismo europeu está enfraquecido, especialmente por causa do secularismo (cf. Rémond, 2005: 28-29).

Charles Taylor fala do fenômeno da secularização percebido de três maneiras distintas: a) a perda da presença da Igreja nos espaços públicos; b) a diminuição de crenças e práticas religiosas na sociedade; c) a transição de sociedades onde a fé em Deus era inquestionável e o ateísmo um absurdo, para se tornar apenas uma das opções entre várias cosmovisões, e seguramente não a mais fácil (cf. Taylor, 2010: 14-15). Certamente o anticristianismo se inscreve nessa terceira forma. Rémond acreditava que, na sua França, as tensões entre as aspirações nacionais e o posicionamento da Igreja Católica mostravam já certa acomodação e convivência. A situação era ainda mais cômoda em relação aos protestantes. Com exceção de poucos conservadores, tendem a ser mais liberais quanto aos costumes e, por serem perseguidos como minoria, estão naturalmente inclinados a apoiar qualquer ataque feito às restrições morais do catolicismo (cf. Rémond, 2005: 20-28). Por isso, sugerem-se outros ob-

jetivos mais pragmáticos para tais ataques: a) oportunidade, para transformar a sociedade, aproveitando a menor força de reação do cristianismo; e b) estratégia, pois não há maior divulgação e alcance para ideias do que a polêmica relativa à questão de tamanha abrangência e visibilidade na sociedade. Portanto, mais do que combater o cristianismo, quer-se a publicidade do debate acirrado, alimentado por questões de grande interesse.

No entanto, ateísmo e o anticristianismo, vistos em diversas associações criadas ao redor do mundo e por escritos de filósofos, por serem reações à religião e ao conceito de Deus, apresentam as mesmas dificuldades internas enfrentadas pelas instituições religiosas e pela Teologia: a fragmentação e a falta de união, a ausência de uma coesão mínima necessária para que haja um movimento único e coordenado. Da mesma forma que se pode dizer que há vários *cristianismos*, também é certo dizer que há vários *ateísmos* e diversos *anticristianismos*. Georges Minois demonstra como havia enorme fragmentação, mesmo entre as associações ateias militantes, o que as constitui como também anticristãs. No entanto, o panorama no final do milênio passado ainda era de evitar fazer acusações ácidas e ataques contra a religião. Sua análise era que, com a perda de força das denominações cristãs no ambiente europeu, a militância ateia perderia sua razão de ser. O ateu não mais precisaria se definir como tal. A incredulidade necessariamente levaria a um huma-

nismo abrangente (cf. Minois, 2014: 700-701). O comprometimento militante antirreligioso e, especialmente, anticristão de Onfray e outros mostra que tal previsão não se consumou, ao menos, nos círculos do saber.

### **3. A grande demanda anticristã: o comportamento**

Claramente, a violência dos ataques anticristãos contra o cristianismo, especialmente a Igreja Católica, foca a questão dos costumes. Mesmo dentro do próprio catolicismo, não faltam críticos severos das posturas conservadoras. Um dos mais conhecidos é Hans Küng, para quem não há instituição que trate de forma tão vil aqueles que são críticos dos seus posicionamentos como a Igreja Católica, que discrimina as mulheres e polariza a sociedade e a política nas questões ligadas à homossexualidade, aborto e eutanásia. Segundo ele, essa instituição se apresenta com aura de infalibilidade, como se expressasse necessariamente a vontade de Deus (cf. Küng, 2002: 19). É interessante que suas observações fazem eco com as de Onfray.

Rémond reconhece que os assuntos particulares assumem o cerne das discussões, mormente o matrimônio, entendido como o casamento entre um homem e uma mulher, ampliado para incluir questões atuais como o prazer da mulher, a fidelidade conjugal, métodos contraceptivos e a homossexualidade. Sem dúvida, ao assumir tal postura, clara oposição ao modelo de família cristã cal-

cado na monogamia entre um homem e uma mulher, Onfray soube atrair e usar o apoio de minorias radicais, como feministas e homossexuais. A questão da liberdade para não crer é abordada apenas subsidiariamente, pois o fulcro dos ataques é inquestionavelmente a tentativa da Igreja de regradar a vida do sujeito. Onfray chega a dizer que o catolicismo torna a vida impossível (Rémond, 2005: 11, 14-15).

É inegável que o divórcio foi um enorme passo rumo à secularização. Eric Hobsbawn mostra que o divórcio fora claramente uma demanda feminista, aliada a outros temas sensíveis especialmente ao universo feminino, como a questão do aborto. Foi na segunda metade do século XX que essas questões floresceram na sociedade ocidental, onde teve lugar a busca da construção de uma «consciência feminina» (Hobsbawn, 2011: 306). Falando-se especificamente do matrimônio, a ideia católica de um sacramento, irrevogável e perpétuo, com chancela divina, passou a ser um mero e caducável contrato entre duas pessoas, podendo ser rompido a qualquer momento. No entanto, a despeito de todas as pressões pela secularização dos costumes, por todo o século XX predominaram os conceitos da moral cristã, mesmo nos círculos mais laicos. Nas palavras de Rémond: «Estamos bem longe então do liberalismo moral hoje em dia» (Rémond, 2005: 20).

A visão geral do cristianismo quanto à natureza humana está ligada ao pecado original e

à tendência natural para todo vício e vilezas. Concordamos com Rémond, quando afirma que o pessimismo cristão quanto à condição do homem é agudo, e expressa aquilo que se vê, com especialidade, nas cartas de Paulo das Escrituras cristãs, bem como nos escritos de Agostinho. Não se trata de uma invenção do anticristianismo. No entanto, explica Rémond, a argumentação de Onfray apenas reedita as críticas já bem conhecidas feitas por autores iluministas (Rémond, 2005: 16-17). Debate-se em Agostinho tanto a culpa repassada a toda a humanidade pela representação de Adão, como também por meio da geração (Rigby, 1999: 608). O Iluminismo oportunizou a maior abrangência do racionalismo cartesiano, produzindo severas críticas contra o que reconheciam como fanatismo e intolerância ligados à Igreja e à monarquia. Por meio das luzes da razão todo obscurantismo deveria ser rechaçado. Um bom exemplo disso foi o parlamento presidido por Montesquieu, em Bordeaux. As suas *Lettres persanes* publicavam ácidas sátiras contra as crenças e costumes franceses ao fim do reinado de Luís XIV (cf. Carpentier e Lebrun, 1987: 222-223). Rémond mostra que a visão pessimista quanto ao homem assume contornos políticos na polarização entre direita e esquerda. Burke, representante da direita, destaca a responsabilidade individual, exigindo que a punição seja aplicada ao sujeito também com objetivo exemplar. A maldade está no homem e duvida-se que possa ser erradicada. Já a esquerda, continua

Rémond, responsabiliza a sociedade pelo mal praticado pelo indivíduo. Os Estados comunistas do século XX pretendiam uma sociedade de novos homens, resultado da volta ao estado natural (cf. Rémond, 2005: 17).

A acusação anticristã de que o cristianismo rouba a alegria do homem explica-se pela não aceitação do conceito bíblico paradoxal quanto à felicidade. Por não estar atrelado à materialidade e ter sua consumação apenas no além-túmulo, é visto especialmente pelo anticristianismo como invenção que visa a dominação e a exploração econômica e social. Por indigesta que seja, Heidegger já tentara secularizar o conceito da *beata vita* de Agostinho, a «vida feliz», que implicava necessariamente a posse de Deus, transformando-a na satisfação terrenal das benesses materiais (cf. Almeida Jr., 2016: 118-156). É verdade que o monaquismo cristão labuta contra os prazeres carnis, especialmente sexuais. Visto pelo prisma da ascese monástica, o cristianismo, quanto à sua prática, está baseado em muitas renúncias. Rémond argumenta que as Escrituras cristãs, porém, não são unânimes quanto a isso. Encontramos João Batista vivendo no deserto, com uma dieta de gafanhotos e mel, vestido de roupa de camelo, à semelhança dos essênios, mas também nos deparamos com o Filho do Homem presente eventualmente em festas e jantares, a ponto de ser acusado de comer e beber com pecadores. Isso mostra que as privações não são a única regra do cristianismo. De igual forma, na história da espiritua-

lidade cristã, há a recomendação para não se dedicar ao ascetismo ao ponto de prejudicar o corpo e a psiquê. É preciso evitar a busca do ascetismo como um fim em si mesmo, mascarando a sincera busca por Deus (cf. Rémond, 2005: 34-35).

No entanto, para Onfray, o fato de toda religião reger, de alguma forma, a vida do indivíduo, é prejuízo injustificado. Para ele, significa a imposição de culpa e alienação da verdadeira felicidade. Afirma que a alegria propalada pela fé cristã é fictícia e futura. Portanto, a missão que o anticristianismo assume é a completa emancipação do ser humano, seu total desligamento da religião, falando especialmente do catolicismo (Rémond, 2005: 12-13). Todavia, assevera Rémond que, a despeito da existência de um clamor popular pela completa emancipação do indivíduo, é vital uma estrutura moral para um Estado de direito e para a garantia das liberdades públicas. Argumenta que a palavra liberdade, hoje, sempre é tomada como positiva, provocando a tendência do afrouxamento dos limites, o que pode ser desastroso. Um exemplo é a ciência médica, sempre vista como positiva na sociedade. A despeito disso, tem trazido algumas dificuldades éticas, como a ressuscitação e manutenção de pacientes terminais, o prolongamento do sofrimento, bem como a questão da fertilização artificial e a clonagem. Tais temas têm colocado dificuldades à consciência de todos, não importando seu credo ou confissão.

Onfray ataca os cristãos, acusando-os de retrógrados, interessados na volta da visão do sofrimento do corpo aos hospitais, a fim de reintroduzir e impulsionar o ministério de padres e freiras nesses locais. Ligado a isso está um preconceito explícito contra qualquer cristão que falar sobre o assunto (cf. Rémond, 2005: 14-15). Jean Claude Eslin chama a atenção para o descrédito cultural ao qual o cristianismo foi relegado. Comentando a obra de René Rémond, observa que este autor destaca a discriminação sofrida pela religião, evidente até quando uma publicação de respeito é desacreditada por ser «religiosa», como aconteceu com a revista *Études* na França. Segundo Eslin, não se trata de humor, mas de um anticristianismo dedicado (cf. Eslin, 2001: 212).

#### **4. Felicidade real apenas com a eliminação do cristianismo**

Onfray, bem como os adeptos do anticristianismo de forma geral, abraçam pressupostos niilistas, reconhecendo a vida como uma existência entre dois nada. Por isso, na opinião desse autor, desprezar o aqui e o agora em prol de uma futura existência celestial é perder o único bem que verdadeiramente se possui: a materialidade (Onfray, 2007: 52). Onfray mostra grande aversão a qualquer coisa que soe *sobrenatural*. No centro da experiência religiosa está a criação do que ele chama de «além mundos», toda a composição imaginária do sobrenatural. Enquanto mera ficção,

diz ele, não haveria grandes consequências, se não fosse o esquecimento do real que aí tem lugar, ou seja, o apagamento do único mundo que verdadeiramente existe: «Enquanto a crença indispõe com a imanência, portanto com o eu, o ateísmo reconcilia com a terra, outro nome da vida» (Onfray, 2007: XIX). Assim, a fé, para Onfray, é ficção e mito. Todo sobrenatural é fantasia que tem como resultado o emburrecimento e o obscurantismo. Devem ser erradicados, varridos em favor da razão e da inteligência, únicos meios de acesso à verdade e à realidade (cf. Onfray, 2007: 53).

Por isso, Onfray argumenta que a opção do homem pela crença mostra sua preferência pela doçura do engano, da tolice e das ilusões. Não a exercer significaria ter que enfrentar a impiedosa existência. Melhor é fingir que o problema não existe. Segundo ele, o crente é ingênuo, tolo e engando. Afirma que a fé tranquila impõe como custo a perpétua infantilidade mental. Dessa forma, colocando-se em favor do indivíduo, confessa seu ódio contra os que estimulam o ser humano a isso (cf. Onfray, 2007: XX-XIX e 55). Explica que são dados diversos nomes a uma mesma figura, «panteão de alegres vadios inventados». Por ser «nada», é para o nada que são conduzidos os que o adoram. Onfray afirma que, exatamente por não haver qualquer divindade, também não pode ser morta. Não se mata o nada. Pelo contrário. Arrazoa que é Deus quem mata a tudo o que se levanta contra ele, a começar pela Razão, a Inteligência e

o Espírito Crítico. Embora Deus não exista para Onfray, não está morto quanto aos seus efeitos. Explica que é visto constantemente nas regras e nos medos do homem. É a erradicação de tal influência que, em sua opinião, constitui a verdadeira morte de Deus. Em outras palavras, embora a proclamação da morte de Deus já seja ouvida há mais de um século, sua eficácia precisa ser comprovada na transformação da vida humana, libertando o indivíduo das trevas religiosas para a verdadeira luz do ateísmo racional, a completa emancipação do homem (cf. Onfray, 2007: 3, 5 e 51).

É hercúlea a missão do anticristianismo. Para Onfray, enquanto houver homens, haverá deuses. Somente quando morrer o último homem, morrerá com ele o último deus. Explica que os sofrimentos e angústias da vida são fábricas de divindades. Acima de tudo está o medo do nada, a beira do abismo: a morte. O ser humano não consegue conjugar a morte a um processo natural do qual faz parte a própria vida. Segundo ele, apenas a inteligência poderia produzir os meios necessários para integrar a morte ao sistema de pensamento do indivíduo. Também o desconhecido, a negação, a afirmação do sobrenatural, são igualmente genitores de deuses: «Deus morto suporia o nada domesticado. Estamos a anos-luz de um tal progresso ontológico» (Onfray, 2007: 5). Segundo Onfray, o que anuncia o cristianismo é destrutivo e nocivo para o desenvolvimento humano. Para ele, o Deus da Bíblia criou o homem para o emburrecimento e a morte,

pois o colocou no paraíso, mas proibiu-lhe o acesso à inteligência, interditando-lhe a árvore do conhecimento. De igual forma, negou-lhe a vida, por não permitir alcançar a árvore que tinha tal propriedade. Onfray exalta Eva como transgressora, alguém que, mesmo ao custo da morte, escolhe a inteligência, ao contrário de Adão, que se mantém na cega obediência: «a eterna ventura do imbecil feliz» (Onfray, 2007: 54). Como no *reader response*, Onfray manipula os sentidos do texto por sua própria compreensão. Segundo o cristianismo, a árvore da vida era exatamente o prêmio para a obediência do primeiro casal.

Via-de-regra, o método do anticristianismo consiste em inverter a polaridade das afirmações do próprio cristianismo. Ao invés da vileza humana, afirma a maldade divina; ao contrário de toda existência estar centrada em Deus, ele não existe, e a única existência é a matéria; ao invés de Deus ser a fonte de toda vida e felicidade, nele estão a morte e a completa miséria. Nessa linha, Onfray acusa as três religiões monoteístas como proponentes da rejeição da vida, estimulando a «pulsão de morte». Essa é uma expressão recorrente em seus escritos, o que nos leva a indagar se, em sua opinião, o conceito freudiano de *thánatos* aplica-se apenas ao religioso, mormente o cristão católico. Dessa forma, estatui que a religião cristã está calcada na pulsão de morte.

Onfray entende a vida como um tipo de gangorra. A vida se equilibra com a morte, sendo

esta um movimento contrário que procura imobilizar aquela. É o movimento da vida que ativa a morte. Assim, todo o que nasce passará a saber que a vida é, na verdade, um morrendo. Explica que a religião é o único estabelecimento humano que se apresenta com poder para deter o avanço da morte. Contudo, em sua opinião, ao invés de fazer isso, a precipita.

Certamente, essas *boas novas* que Onfray quer espalhar pelo mundo não se propagarão por meio de associações ateias, reuniões de crentes ateus, mas por meio do estudo, a começar nas escolas de ensino básico, para as crianças. É melhor ensinar nas escolas o fato ateu do que as Escrituras (cf. Onfray, 2007: 25 e 52).

## 5. Ateologia niilista

Ao reagir à religião, é quase inevitável que o anticristianismo assuma uma silhueta religiosa, apenas um contorno. No caso de Onfray, talvez isso seja evidente em sua paixão, praticamente dogmática, com a qual defende sua arreligiosidade, o que é questionável do ponto de vista da academia. Daí a crítica de Rémond, que reconhece na obra de Onfray intitulada de *Ateologia* tamanha paixão pela causa, que acaba por perder, em muito, seu aspecto científico. Rémond também percebe no escrito de Onfray um enciclopedismo irregular, tornando-se assim prejudicado como obra filosófica (cf. Rémond, 2005: 12). Diríamos, é sua devoção ao nada. Soma-se a isso algo que certamente é questionável quanto ao seu método: uma

espécie de reducionismo que pratica quanto às crenças e suas diversas manifestações. Onfray sintetiza todos os deuses e todas as religiões em um único conceito, reconhecendo vários deuses incongruentes como projeções da própria psiquê humana (cf. Onfray, 2007: xv-xvi). Tal método já seria impróprio, ainda que considerasse apenas os monoteísmos. Rémond certamente concorda com tal assertiva. Explica que, ao concentrar todos os monoteísmos, Onfray acaba por misturar vários temas, transitando pela ciência, pela filosofia, pela moral, alcançando também a vida em sociedade, o lugar do sagrado e a política. Seu método alterna a análise e o lúdico, junto a violentos golpes de uma maça filosófica (Rémond, 2005: 7 e 13-14).

Onfray confessa grande admiração por Nietzsche, reconhecendo que foi o primeiro a produzir uma filosofia pós-cristã radical. Tendo sempre um pano-de-fundo religioso, lamenta que tenha faltado um Paulo e um Constantino que desse ao filósofo alemão a amplitude que acredita merecer. Para seguir o caminho inaugurado por Nietzsche, explica, é necessário ser-lhe infiel, realizar uma ultrapassagem, ir além, sem dúvida, o lugar onde Onfray pretende estar (cf. Onfray, 2007: 23). Talvez seja por isso que Rémond não veja continuidade real entre Onfray e Nietzsche, pois a visão que tem este do ser humano como super-homem indica superação, enquanto aquele meramente destaca a necessidade e a busca de prazer. Conquanto haja aplicação positiva

para o prazer, até para o desenvolvimento do homem, argumenta Rémond, não podemos esquecer que há pontos escuros no seu coração, que não raro o impelem ao mal (cf. Rémond, 2005: 34). Talvez seja esse o cerne da superação que Onfray julga ter feito quanto ao pensamento nietzschiano: o prazer.

## 6. Anticristianismo como arreligiosidade

Para Onfray, teísmo e ateísmo coexistem na humanidade desde o primeiro homem. A afirmação de Deus traz consigo a revolta, a fé e a negação. A proclamação da vontade divina e dos seus decretos resulta enrijecimento e recusa por parte do ser humano. Satã, especialmente seu nome Lúcifer, que significa «portador da luz», é evocado como o grande inspirador dos filósofos, o porta-voz da iluminação, alguém que diz «não» a Deus e afirma nunca se submeter à sua vontade. Dessa forma, explica que Deus e o diabo são os dois lados da mesma moeda, como geradores simultâneos de teísmo e ateísmo (Onfray, 2007: 6). Ao reagir contra religiões, Onfray não apenas vê-se obrigado a utilizar algum vocabulário teológico, mas, possivelmente, também sua estrutura. A construção de uma *ateologia* parece ser, também, a proposição de uma *arreligiosidade*, como necessária para preencher o lugar da religião, marcada não pela adoração, mas pela satisfação. A adoração é dirigida a um outro, reconhecido como superior e de quem se depende. Onfray claramente propõe

a satisfação, algo que é experimentado em si mesmo, a exaltação da própria vontade e das pulsões, experiência de total independência, verdadeira autonomia humana. Para ele, Deus é a projeção do próprio homem, criado à sua imagem e semelhança, como recurso visando amenizar a realidade muitas vezes terrível. Os homens resolveram criar um Deus único, reflexo de si mesmos, com todas as mazelas humanas (cf. Onfray, 2007: 51).

Os ataques ao cristianismo são de amplo espectro. Abarcam desde expressões humorísticas e jocosas até a desvalorização das festas religiosas, as chacotas nas mídias, a hostilidade de artistas, alcançando o descaso acadêmico: a exclusão da Teologia nas universidades. O que está na base de todos esses ataques é a suposta incompatibilidade entre razão/ciência e fé. Acreditam que a fé tem que ser irracional (cf. Eslin, 2001: 212). No entanto, deve-se perguntar se a razão realmente exclui a crença, e se podem substituir uma à outra. Assim como a fé não tem elementos para substituir a razão, de igual forma a razão não pode substituir a fé. São conceitos diferentes. Onfray contrapõe fé e razão como se fossem diametralmente opostas. Contudo, em toda religião, fé e razão andam juntas até o limite da compreensão, quando, então, se caminha exclusivamente pela fé. A crença é algo relativo às preferências e convicções pessoais, não constituindo algo científico (cf. Rémond, 1990: 164). A proposta de Onfray é claramente a

anulação da fé e da religião em favor da razão e da filosofia, respectivamente.

Outra questão a ser respondida é se uma religião pode ser substituída por algo que não seja outra religião. Se o homem cria seus deuses e religiões, o que propõe Onfray não seria também uma forma de religião racional, uma a-religião cujo culto e liturgia fosse a adoração do corpo, entendida como satisfação por meio dos prazeres? Onfray seguramente tem seus pressupostos e crenças. Não há ser humano que não os tenha. O ateu se depara com um nada do tamanho da divindade, que necessita ser preenchido ou explicado. Aparentemente, Onfray sugere que haja a simples aceitação do nada, sem qualquer explicação, muito menos sua transformação em existência, em uma linha mais existencialista. Dessa forma, sua proposta se afirma ainda mais como uma religião, pois a aceitação do que não pode ser explicado é uma modalidade de fé. Comparado ao existencialismo, pode-se dizer que o ateu proposto por Onfray certamente não saltaria no abismo. Isso o aproximaria de Kierkegaard e pressuporia *fé*, considerando que há alguma coisa lá, ou pura emoção, para se perceber a existência. Portanto, posta-se em pé, à beira do abismo, a filosofar com a pura razão.

Assim, sua proposta de a-teísmo mostra-se também *religiosa*, pois ao sacar Deus ainda que do imaginário ou da psiquê humana, o vazio deixado terá a silhueta divina. Colocando isso de outro modo, ao afirmar um

a-teísmo, também paradoxalmente afirma o teísmo. A pregação contrária do inimigo é sua lembrança perpétua. Nisso, Onfray parece ter caído vítima do axioma de uma filosofia teísta que afirma que também o ateísmo pressupõe a ideia de Deus, pois ninguém pode negar o que nunca foi formulado ou conhecido. Para ser coerente com seus objetivos, ele teria que banir qualquer ideia religiosa. Implicaria necessariamente não fazer qualquer referência à divindade, ou a qualquer elemento religioso. Talvez isso explique a razão de ter retrocedido ao niilismo, pois o presente existencialismo ainda encontra lugar para a fé. Eis a razão, também, por que a sua proposta de um niilismo pós-moderno é, na verdade, uma modernidade recauchutada, pelo simples fato de que a pós-modernidade é aberta à fé. Sua centralidade na razão, excluindo os subjetivismos da crença, remete-o de volta à modernidade. Daí o niilismo. No entanto, as proposições de Nietzsche mostraram-se insuficientes para o propósito de Onfray, pois nunca foram suficientes para aniquilar a religião, provocando sua substituição. Entende-se, então, a proposta de Onfray de um niilismo de ultrapassagem, que vá além de Nietzsche. Todavia, assim como no pensamento do filósofo admirador confesso de Wilhelm Richard Wagner, qualquer tipo de *nadismo* não se mostra atraente para satisfazer as necessidades existenciais do ser humano. Por mais que possa expressar aquilo que Onfray reconhece como a *realidade*, jamais

se mostrou historicamente palatável aos anseios do homem. Este é o seu dilema: se afirmar a razão como centro da existência, não conseguirá escapar do *nada* existencial; se criar qualquer ideia alternativa, seria vista por ele mesmo como um mito, uma imaginação, aquilo que ele identifica como *fé*.

Deve-se observar que o empenho com o qual Onfray e outros se dedicam ao combate àquilo que chamam de «nada» dá a impressão de que é o nada mais consistente que já (não) existiu, a ingrata tarefa de dar tiros no vazio. Radicando-se apenas na matéria, os proponentes da doutrina a-teísta ignoram totalmente as subjetividades humanas, a própria metafísica. Poderíamos dizer, então, que não tentam alvejar um vazio, mas atirar para acertar aquilo que, segundo eles, não está lá. Como Onfray confessa, não se pode matar o nada. Para ele, o significado da vida, então, estaria meramente no prazer — Nietzsche se vestiu de Sartre.

Fica claro, portanto, que o anticristianismo não é uma reação de dentro do próprio movimento cristão. Se fosse, como já dissemos, seria no máximo uma anti-ortodoxia. Assim, necessariamente a resposta do anticristianismo não é teológica, mas filosófica, no entanto uma filosofia modelada como reação à Teologia, por isso, com feições de religião. Os próprios nomes do movimento, anticristianismo, e da obra, *Ateologia*, sugerem ser uma espécie de negativo, como nas antigas fotografias, o modelo ao contrário. Logo, é possível

reconhecer no anticristianismo de Onfray um neopaganismo que mistura coisas novas e velhas. Essa é a análise de Rémond. Opina que Onfray liga a Antiguidade pagã ao Iluminismo e, de lá, estabelece uma ponte com os dias atuais. O mundo antigo é idealizado. O politeísmo dos antigos é percebido como um sistema menos totalitário, mais pluralista, em linha com ideais democráticos. Todavia, explica Rémond, a noção nostálgica e idílica da Antiguidade está longe de ser real. Atenas e Esparta jamais foram conhecidas pela doçura de suas maneiras. Onfray estabelece uma via de virulência anticristã desde Celso, crítico ácido do cristianismo do segundo século, para quem o corpo de Cristo não era puro, ao contrário, feito do mais impuro lodo (cf. Rémond, 2005: 32-33).

Na opinião de Eslin, há um colapso cultural do cristianismo, que está ligado à massiva influência secular no ensino médio, desde a década de 1960, interrompendo a comunicação de valores religiosos e morais àquela geração de jovens. A religião passou a estar carregada de contradição, resultando em ignorância e indiferença na sociedade (cf. Eslin, 2001: 212). Mostrando suas feições (a)religiosas, o ateísmo anticristão dispõe também de uma «confissão de fé», expressão utilizada por Onfray para se referir aos fundamentos necessários do anticristianismo. Constitui-se uma espécie de evangelho, as boas-novas anticristãs, «boa notícia», para Onfray. Essa mensagem não será proclamada em reuniões

de ensino ou doutrinação, em templos anticristãos erigidos especificamente para isso. Os missionários do anticristianismo serão professores, que evangelizarão por meio da educação escolar (cf. Onfray, 2007: 3, 18-25). O centro dessa pregação não é um paraíso terreno no porvir, mas o desfrute maximizado da presente vida, uma felicidade que é essencialmente anticristã.

Onfray e os anticristãos têm pregado uma felicidade que não pode conviver com o cristianismo, que exige o seu desaparecimento. É mais uma faceta da cultura de desprezo que se volta contra toda forma de cristianismo (cf. Rémond, 2005: 27-28). O *evangelho* de Onfray também tem profecia. Anuncia o fim da era cristã, entendendo-a como o final de um ciclo. Destarte, assim como aquilo que chama de *era pagã* foi substituído pela *era cristã*, chegará também o momento de esta ser sucedida por uma *era pós-cristã*. Segundo ele, há sinais escatológicos de sua chegada. São perceptíveis, especialmente na turbulência que testemunhamos em nossa época. No entanto, há uma responsabilidade humana para apressar a sua chegada: sistematizar uma *ateologia* que venha a dar respaldo à vida do homem arreligioso e pós-cristão (cf. Onfray, 2007: 5 e 51). Curiosamente, os sinais alarmantes descritos no Sermão Profético de Jesus para anunciar seu retorno escatológico são igualmente tomados por Onfray para anunciar os sinais do colapso do cristianismo: o tempo dirá.

## 7. Considerações finais

Qual deve ser a postura do cristianismo, mormente o catolicismo, frente à batalha contra o anticristianismo? Rémond indica duas coisas fundamentais. Primeiramente, a Igreja precisa ser firme e realista. Deve ter sempre a consciência de que o cristianismo jamais encontrará qualquer favor por parte daqueles que são militantes do hedonismo ou do epicurismo. Constantemente acusarão a fé cristã de privar, há séculos, homens e mulheres da satisfação de seus desejos naturais. Como não poderia deixar de ser, também o voto de castidade é visto com mais do que suspeição, verdadeira hipocrisia, visão fortalecida especialmente pelos escândalos de pedofilia envolvendo os clérigos. Em segundo lugar, a reação cristã ao anticristianismo não pode ser a defesa de uma era de ouro representada por um cristianismo pretérito, ou a apologia de uma sociedade utópica à frente, a ser experimentada através da cristianização de todos os princípios, nem mesmo a defesa do cristianismo, pelo medo de seu desaparecimento a longo prazo. Deverá antes basear-se numa correta compreensão da verdade histórica, para dar respostas concludentes que aclarem a polêmica, tornando a Igreja apta para tratar as novas questões que surgem constantemente na sociedade (cf. Rémond, 2005: 9 e 35).

O anticristianismo haverá de continuar, e sua constante pregação já causou reações. Em Paris, no dia 20 de outubro de 2013, domingo,

houve grande manifestação de cristãos, convocada pelo Instituto Civitas, principal grupo conservador católico nacionalista. Protestava contra o anticristianismo e a política antifamiliar do governo. Alain Escada, presidente do Civitas, explicou que o anticristianismo se desenvolve sob a total indiferença do governo e da imprensa, o que, a seus olhos, é completamente anormal. Liderava uma passeata que tinha à frente uma faixa, cujos dizeres eram: «A França é cristã e deve continuar assim». As centenas de integrantes gritavam palavras de ordem contra os franco-maçons, as militantes feministas do Femen, e contra o casamento e adoção por homossexuais. Também pediam a renúncia do presidente da República François Hollande e de seus ministros da Justiça e da Educação. A manifestação terminou pacificamente com uma oração (G1, 2013).

Ladeando alguns dos filósofos mais influentes em nossos dias, poderíamos ver, talvez, Nietzsche, Kierkegaard, Heidegger e Sartre encontrando-se na beira do abismo da realidade, passando imediatamente a contemplar o vazio da amplitude. Então, disse Nietzsche: «NADA há!»; Kierkegaard, Heidegger e Sartre disseram em coro: «HÁ nada!». Entreolharam-se impactados por diálogo de tão expressivo conteúdo, e voltaram a mirar o vazio. Depois de algum tempo, Kierkegaard surpreende e, com um salto, lança-se com fé na amplitude. Em seguida, Sartre vale-se de um *bungee jumping* e lança-se para o nada. Heidegger, o único a se pronunciar no momento, pensando nos

que o precederam, disse: «Também quero ser aí». E, tomando um paraquedas, precipitou-se. Nietzsche permaneceu em terra firme todos os seus dias, tentando entender o nada até a loucura. Onfray esteve ao seu lado, mas deu um passo além, atraído por algum prazer.

## Bibliografia

### *Impressa*

ALMEIDA JR., J. (2015). *Livre Arbítrio em Santo Agostinho*. Fonte Editorial. São Paulo;

ALMEIDA JR., J. (2016). *Aquele abraço – O discurso identitário cultural brasileiro que se abra para o mundo*. Fonte Editorial. São Paulo;

CARPENTIER, J. e Lebrun e F. (1987). *Histoire de France*. Éditions du Seuil. Paris;

ESLIN, J. C. (2001). René Rémond – Le Christianisme em accusation. Entretiens avec Marc Leboucher. *Esprit*. **272 (2)**: 212-213;

HOBSBAWN, E. (2011). *Era dos extremos*. (Tradução Marcos Santarrita). (2.<sup>a</sup> ed.). Companhia das Letras. São Paulo;

KÜNG, Hans (2002). *Igreja Católica*. (Tradução Adalgisa Campos da Silva). Objetiva. Rio de Janeiro;

MINOIS, G. (2014). *História do Ateísmo*. (Tradução Flávia Nascimento Falleiros). Editora Unesp. São Paulo;

ONFRAY, M. (2007). *Tratado de ateologia*. (Tradução de Monica Etahel). Martins Fontes. São Paulo;

RÉMOND, R. (1990). *O século XIX (1815-1914)*. Cultrix. São Paulo;

RÉMOND, R. (2005). *Le nouvel anti-Christianisme. Entretiens avec Marc Leboucher*. Desclée de Brouwer. Paris;

RIGBY, P. (1999). Original sin. Em: Fitzgerald, A.D. (ed.). *Augustine through the ages: An encyclopedia*. William B. Eerdmans Publishing Company. Grand Rapids- Michigan/Cambridge;

TAYLOR, C. (2010). *Uma era secular*. (Tradução de Nélio Schneider e Luíza Araújo). Unisinos. São Leopoldo.

### *Digital*

G1 (2013, 20 de outubro). *Centenas protestam em Paris contra o «anti-cristianismo»*. Acedido em 1 de maio de 2020, em: <http://gl.globo.com/mundo/noticia/2013/10/centenas-protestam-em-paris-contra-o-anti-cristianismo.html>.